



Alemanha ou EUA, onde é melhor viver?

Luis Felipe Nascimento

Fazer qualquer tipo de comparação desta natureza é arriscado, pois é muito difícil analisar todas as variáveis, o que acaba invalidando os paralelos traçados. Comparar a vida na Alemanha e nos EUA não foge a esta regra. E nem estamos falando em comparar Hamburgo com Miami, mas sim regiões com condições climáticas e socioeconômicas semelhantes, como Frankfurt e Boston. Alguém irá dizer: "Você acha a região de Frankfurt semelhante à de Boston? Nunca!" Mas, depois de ter vivido nestas duas regiões, é impossível não ceder à tentação de estabelecer comparações e, mesmo sabendo dos riscos e das falhas que serão cometidas, me atrevo a buscar as diferenças, vantagens e desvantagens de viver em cada uma destas duas regiões.

Dados oficiais mostram que 27% da população de Frankfurt é composta por estrangeiros. Na região de Boston, existem muitos estrangeiros, mas ninguém sabe o número certo, pois a maioria está ilegal no país, não aparece nas estatísticas. Uma vez que existem tantos estrangeiros nestas duas regiões, elas devem ser atrativas, certo? E se tivesse que escolher, para onde você iria?

Na Alemanha, as pessoas se relacionam com os estranhos, e até com os conhecidos não muito íntimos, chamando-os de Senhor/Senhora (Sie), o que faz as relações serem mais formais. Nos EUA, todos se chamam de você (you), independentemente da idade, do grau de intimidade ou do cargo que a outra pessoa ocupa.

Quando há opção, algumas pessoas escolhem viver na Europa, devido à sua diversidade cultural. É bem verdade que, viajando poucas horas de carro, já se estará em outro país, irá se deparar com outra língua, outro tipo de arquitetura característica e também costumes diferentes. Nos EUA, você terá que viajar uma semana para atravessar o país e, embora encontre McDonald's, Holiday Inn e outras redes nacionais por todo lugar que passar, e perceba que todos estão falando a mesma língua, vai passar por montanhas, planícies, áreas férteis, desertos, frio, calor e constatar as diferenças regionais. Enquanto na Alemanha são poucas as pessoas que nunca viajaram ao exterior, nos EUA, são proporcionalmente poucos os que já saíram do país. Eles se justificam dizendo: "Temos tudo aqui, o país é tão grande..."

Porque temos que ir para lugares onde não entendemos a língua, onde não gostam de nós?”

Se compararmos os períodos de férias, veremos que os alemães costumam tirar 30 dias úteis de férias, o que representa cerca de 40 dias no ano. Já os americanos tiram duas semanas corridas, e dizem que mais do que isto fica boring (muito chato). O trabalho e o lazer realmente têm sentidos diferentes nestes dois países, pois enquanto os alemães lutam para reduzir a jornada de trabalho para 35 horas semanais, nos EUA, ainda é grande o número de workaholics (pessoas viciadas em trabalhar).

Os alemães procuram evitar a repetição dos erros do passado, e qualquer atitude nacionalista logo é associada ao nazismo. Os jovens possuem uma visão mais internacionalista, são mais abertos à convivência com culturas diferentes. Os estudantes aproveitam as férias para viajar para lugares exóticos, realizar estágios em países do terceiro mundo, etc. Já nos EUA, é praticamente impossível encontrar uma rua onde não se veja uma bandeira americana hasteada numa casa, ou na antena de um carro, ou algum adesivo dizendo “orgulho de ser americano”. O nacionalismo é cultivado desde os primeiros anos escolares.

Curioso é que, apesar da maior abertura às diferentes culturas, a Alemanha mantém a “lei do sangue” para fornecer a cidadania alemã, ou seja, os filhos de estrangeiros nascidos na Alemanha continuam sendo estrangeiros. Os EUA utilizam a chamada “lei do solo”, onde toda criança nascida em solo americano é considerada um americano. Isto faz com que existam muitas “crianças americanas” filhas de “pais ilegais” no país.

A forma de ver e de resolver os problemas difere bastante de um país para outro. Um desempregado alemão certamente irá culpar o Estado (isto é, o governo) por não ter criado um posto de trabalho para ele. O desempregado americano é visto como um perdedor, alguém que não possui a qualificação necessária para obter ou criar um posto de trabalho. O mesmo acontece com a participação das comunidades. Embora existam muitas iniciativas comunitárias na Alemanha, as pessoas sempre culpam o Estado por não estar fazendo a sua parte. Nos EUA, a comunidade assume como sua a responsabilidade de resolver os problemas locais. Os pais administram escolas, trabalham como guardas de trânsito para proteger as crianças no caminho da escola, elegem o xerife da sua cidade, etc.

Analisando o sistema de saúde e previdência social, percebe-se que os alemães não se preocupam com a velhice, pois confiam que o Estado irá tomar conta deles. Quando adoecem, o sistema de saúde garante o tratamento e os remédios. Os americanos passam boa parte da vida fazendo uma poupança, para poder garantir o conforto em sua velhice. Mesmo possuindo um plano de saúde, adoecer nos EUA significa despesa.

E o sistema educacional? O ensino, nos níveis básico e médio, é gratuito em ambos os países. Porém, enquanto as universidades alemãs são públicas e gratuitas, a maioria das universidades americanas são privadas e muito caras. Mesmo as universidades públicas nos EUA cobram taxas significativas, o que leva os alunos a recorrerem a financiamentos bancários para pagar os seus estudos.

Na Alemanha, o espaço é pequeno, e tudo é feito “para durar”. A consciência ambiental leva as pessoas ao uso dos recursos de forma racional. A

abundância de recursos e de espaço faz com que os americanos priorizem o que seja mais fácil, mais barato. A consciência ambiental vem crescendo, mas em muitas regiões ainda predomina a cultura do descartável. Diferentemente dos alemães, o consumidor americano possui a vantagem de saber quanto paga de imposto ao comprar um produto, pois os valores referentes a impostos e taxas são cobrados em separado. Isto leva as pessoas a cobrar dos governantes uma melhor aplicação dos recursos arrecadados com impostos e taxas.

Enfim, existem muitas diferenças entre estes dois países, de forma geral, e entre estas duas regiões, em particular. Quem passar por Frankfurt, no verão, verá pessoas sentadas nas praças bebendo cerveja, e poderá comprar cigarro numa máquina em qualquer esquina. Mas, se passar por Boston, para comprar uma cerveja ou uma garrafa de vinho, terá que ir a uma loja especializada, e sairá de lá com a garrafa dentro de um saco de papel pardo, que não identifica sequer a loja, para que ninguém perceba que está transportando uma bebida alcoólica. O consumo de bebidas alcoólicas em lugares públicos é proibido. Os cigarros podem ser vendidos em supermercados e farmácias para pessoas com mais de 18 anos. Nestes locais, os clientes se dirigem a uma área reservada, onde as carteiras de cigarros estão escondidas. Na compra, os consumidores devem apresentar um documento de identidade. Fumar em restaurantes e em locais públicos, em Boston, já é coisa do passado, acabaram os tais "espaços reservados para fumantes".

E então, onde é melhor de viver, na Alemanha ou nos EUA? A minha resposta é: "depende do que for mais importante para você!" Viver, durante algum tempo, em outros países, viajar pelo mundo, conhecer outras culturas, tudo isto são experiências enriquecedoras, mas, na minha opinião, enquanto a globalização for apenas comercial, o melhor lugar do mundo para viver ainda é a terra natal de cada um, onde estão as nossas raízes e onde não nos sentimos estrangeiros!